

## RESENHA

### **CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E GUERRA FRIA:** INTELECTUAIS NAS DISPUTAS CULTURAIS ENTRE OS BLOCOS SOCIALISTA E CAPITALISTA

RIDENTI, M. **O segredo das senhoras americanas**. São Paulo: UNESP, 2022.

LUCCAS EDUARDO MALDONADO

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e  
Doutorando em História pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Bolsista CNPq.  
ORCID: <https://www.orcid.org/0000-0003-0476-1600>

Recebido em: 17/12/2022

Aprovado em: 25/01/2023

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p351-356>



Ocorre desde os anos 1990 nas Ciências Humanas uma preocupação em pesquisar a respeito do processo de circulação internacional de ideias. Trata-se da expressão do chamado “giro material” que na América Latina elaborou-se a partir do novo milênio (GRAFTON, 2006). O mais recente lançamento do professor Marcelo Ridenti (2022), *O segredo das senhoras americanas*, articula-se com esta tendência.

Docente do Departamento de Sociologia da UNICAMP desde 1998, Ridenti graduou-se e doutorou-se pela USP nesta mesma área. É autor de uma extensa bibliografia sobre a vida política e cultural brasileira do século XX. O livro *O Fantasma da Revolução Brasileira*, originalmente uma tese de doutoramento, é provavelmente o seu trabalho mais conhecido. Lançado em 1993, trata-se de um amplo estudo sobre as organizações e os atores envolvidos na luta armada brasileira. O autor a partir deste título deslocou as suas investigações de um âmbito fundamentalmente político para um prisma no qual se cruza também a cultura. A obra *Em busca do povo brasileiro* de 2000 indica claramente tal deslocamento. Elabora uma ampla investigação sobre os meios artísticos e intelectualizados que colocaram o problema da identidade nacional e do conceito de povo como uma questão central no Brasil entre os anos 1950 e 1970.

*O segredo das senhoras americanas* é um título que se desloca neste encontro entre política e cultura, contudo foca-se na problemática da “internacionalização dos intelectuais” no contexto da Guerra Fria. O conceito de intelectual, nuclear ao estudo, é utilizado na obra de forma afastada da tradicional história das ideias, não tangendo somente aqueles responsáveis pela constituição de um cânone. Articula-se com a tradição da Nova Historiografia Política Francesa que assume a categoria de forma ampla, entendendo como tal os mais distintos atores vinculados à circulação dos bens culturais como editores, jornalistas, professores etc. Intelectual seria todo indivíduo conectado com a produção e a difusão de bens simbólicos, das formas eruditas às populares. A mudança possibilita uma abordagem não circunscrita a personagens determinadas, visando esboçar um contexto cultural. Mais do que isso, o deslocamento está conectado com a tese articuladora do livro: as elites intelectuais brasileiras, independentemente do polo ideológico, “participavam ativamente das disputas das grandes potências”, vinculando-se aos seus projetos políticos e culturais em uma

relação na qual se expressava uma série de pretensões pessoais não necessariamente conjugadas com as demandas institucionais.

O livro está organizado em três partes, cada uma com uma temática. A primeira, intitulada “Internacionalização cultural comunista: Jorge Amado e seus camaradas da América Latina” (pp. 15-72), circunscreve o mundo das esquerdas, mais especialmente da esfera de influência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Explora-se neste momento como alguns autores latino-americanos, em especial Jorge Amado, Pablo Neruda e em menor medida Nicolás Guillén, estabeleceram uma rede de contatos, principalmente em Paris, que viabilizou a difusão e a consagração de suas obras para além dos seus países de origem. Desenvolve-se uma análise que deslinda o porquê de certos escritores terem ganhado profunda projeção internacional naquele contexto específico. O papel de dirigente destas personagens no Conselho Mundial da Paz, de colaboradores em publicações e editoras de relevância como a *Les Lettres Françaises* e a Gallimard e de interlocutores de escritores consagrados como Jean-Paul Sartre e Louis Aragon são expostos como aspectos fundamentais para a construção desta formação cultural.

O capítulo funda-se principalmente na análise de dois tipos de fontes. O primeiro é o conjunto de textos seriados europeus que estes latino-americanos publicavam, ou seja, engloba-se a folheteria que articula demandas mais conjunturais do que em geral são os livros, embora isso não seja uma regra. A segunda são as memórias das personagens postas em evidência: Jorge Amado, Pablo Neruda, Zélia Gattai etc. Este conjunto é manejado para mapear as “redes” que tais intelectuais mantinham na sua relação intercontinental.

O segundo capítulo, “Internacionalização cultural liberal: *Cadernos Brasileiros* e seus patrocinadores do Congresso pela Liberdade da Cultura” (pp. 73-242), está vinculado ao primeiro uma vez que se estabelece um contraste entre as experiências dos comunistas latino-americanos em Paris e dos colaboradores da revista *Cadernos Brasileiros*, publicação de razoável importância editada entre 1959 e 1970 no Brasil e financiada pela Central Intelligence Agency (CIA). Mais precisamente, se antes Ridenti coloca os intelectuais engajados com a defesa do bloco soviético, apresenta-se agora autores profundamente críticos ao socialismo real, constituindo assim uma

distinção ideológica. A relativa uniformidade política dos comunistas é trocada por uma miríade de autores que, deslocando entre o liberalismo e o trotskismo, se identificam comumente na posição crítica à URSS: característica expressa por exemplo pela presença de Afrânio Coutinho e Mario Pedrosa no editorial. Existe também uma reorganização geográfica. Deixa-se de explorar a atuação de latino-americanos na Europa e passa-se a tematizar a interação entre brasileiros e estrangeiros na construção de um projeto, com os Estados Unidos da América (EUA) ganhando grande relevância neste momento.

O capítulo, construído principalmente a partir dos arquivos da CLC disponíveis na Universidade de Chicago, é o mais interessante do livro pela capacidade de explorar contrastes e demonstrar complexidades. Se Amado, Neruda e outros tinham um consenso a respeito da defesa do comunismo e sabiam do financiamento originário de Moscou, toda esta clareza diluiu-se quando se colocam os atores circunscritos pela *Cadernos Brasileiros*. Como explicar a presença de Florestan Fernandes e Abdias do Nascimento em um empreendimento com dinheiro da CIA? A questão, no entanto, é que diversos dos seus colaboradores jamais souberam de tais verbas e conexões. Esta característica não era significativa no âmbito das liberdades de escrita e na construção dos próprios textos, pois não havia cerceamento no que se publicava. Os convidados produziam sobre o que quisessem sem qualquer impedimento.

Ridenti demonstrou a não linearidade das relações culturais e intelectuais com os projetos estatais no caso da revista estudada, expondo a coexistência de contrastes expressivos. A divergente posição a respeito do golpe de 1964 entre atores nacionais e internacionais é especialmente explicativo. Enquanto Afrânio Coutinho, figura chave do editorial, apoiou quase imediatamente a ditadura instituída pelo marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, a diretoria internacional colocou-se relutante a respeito do que acontecia. Torna-se tudo ainda mais complexo quando se nota que o golpe no Brasil contou com ingerência americana, indicando a não linearidade na própria ação dos agentes estatais dos EUA.

O terceiro capítulo, “O segredo das senhoras americanas: estudantes brasileiros na terra dos Kennedy” (pp. 243-369), é o responsável por dar o título ao livro. Estuda-se nesse momento as atividades da Associação

Universitária Interamericana (AUI), instituição responsável por levar uma série de estudantes brasileiros para intercâmbios em universidades dos EUA entre os anos de 1962 e 1971. Sua gestão era coordenada principalmente por mulheres oriundas das elites americanas, as “senhoras” que remetem ao título da obra, e seu financiamento originava-se do Departamento de Estado dos EUA e do empresariado. A AUI foi outra organização constituída durante a Guerra Fria com fins culturais que se alocava na disputa entre as grandes potências. Visava apresentar aos jovens estrangeiros, selecionados entre as elites universitárias, a rica dimensão cultural das universidades e outros espaços da sociedade americana, almejando quebrar o estereótipo de que os EUA seriam a terra do materialismo vulgar e do imperialismo. A atenção oferecida ao projeto não era pouca uma vez que, no deslocamento entre a Casa Branca, New York e a Universidade de Harvard, se dava encontros com membros da família Kennedy e com Henry Kissinger, criando uma conjuntura focada em impressionar e convencer pela qualidade e não pela vulgaridade ideológica.

A relevância social que vários jovens integrados ao projeto alçaram é significativa, estando entre eles por exemplo Marco Maciel, Brasília Sallum Junior, Hélió Trindade, Paulo Sérgio Pinheiro, Aloysio Nunes Ferreira etc. Obviamente que tais sujeitos não se destacaram por causa desta experiência. A vida não é tão unidirecional. Na realidade, o critério de seleção passava pela predileção de indivíduos com capacidade de constituição de projetos e de liderança, característica a qual serviu para a consolidação destes estudantes ao longo de suas trajetórias. Nesta esteira, diversas lideranças de esquerda, entre elas algumas que tinham passado pela luta armada, foram preteridas. Não havia qualquer filtro ideológico no processo de seleção. Colocava-se diferentemente até uma preferência por tal tipo. Esta particularidade coloca uma questão: estariam tais jovens sendo cooptados pela doutrina liberal americana? Ridenti responde realizando uma vez mais o caminho que baliza toda a construção do livro: a não linearidade entre projetos pessoais e institucionais. Embora haja indivíduos que se aproximaram com o passar do tempo de posições liberais e conservadoras entre os alunos de esquerda da AUI, também há personagens que mantiveram grande semelhança ideológica ao longo do tempo. A opção

pela viagem não designava necessariamente um comprometimento com os projetos políticos dos EUA.

A concluir, *O segredo das senhoras americanas* é um importante estudo a respeito de três fenômenos específicos que marcaram o processo de circulação de ideias durante a Guerra Fria. Mais precisamente, o livro revela como uma série de brasileiros conectaram-se com projetos institucionais das duas potências hegemônicas, realizando um equilíbrio entre pretensões pessoais e projetos estatais. Trata-se de um estudo qualitativo, marcado por um significativo levantamento de informações e por uma cuidadosa abordagem sobre os matizes da ação dos intelectuais, que vem na sequência de uma série de colaborações nos estudos históricos por parte de Marcelo Ridenti. Constará como uma referência importante na bibliografia sobre os estudos da cultura e dos intelectuais brasileiros da segunda metade do século XX.

## **Referências**

GRAFTON, A. The History of Ideas: Precept and Practice, 1950-2000 and Beyond. **Journal of the History of Ideas**, v. 67, n. 1, 2006, pp. 1-32.

RIDENTI, M. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: UNESP, 1993.

RIDENTI, M. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RIDENTI, M. **O segredo das senhoras americanas**. São Paulo: UNESP, 2022.